



**ANÁLISE DOS SÍMBOLOS DO BATISMO À LUZ DA TEORIA DO
IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND**

**ANALYSIS OF THE SYMBOLS OF BAPTISM IN THE LIGHT OF GILBERT
DURAND'S IMAGINARY THEORY**

**ANÁLISIS DE LOS SÍMBOLOS DEL BAUTISMO A LA LUZ DE LA TEORÍA DEL
IMAGINARIO DE GILBERT DURAND**

Cleiane Silva Araújo

Licenciada em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus São Bernardo - MA.
E-mail: cleymaria05@gmail.com

Josenildo Campos Brussio

Professor Associado I do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da UFMA/Campus de São Bernardo. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura (GEPEMADEC) e coordenador da linha de pesquisa 1: "Imaginário, Cultura e Meio Ambiente".

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7721-9199>

E-mail: josenildobrussio@gmail.com

Thiago Pereira Lima

Doutor em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (Conceito 6), Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFMA. Especialista em Meio Ambiente e Recursos Aquáticos pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduado em Geografia pela UFMA e em História pela UEMA. É professor adjunto classe C em regime de dedicação exclusiva da Universidade Federal do Maranhão - Campus São Bernardo - do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas - Sociologia. Principais temas de interesse: História do pensamento e Epistemologias da Geografia, Ensino de Geografia, Estudos Feministas e de Gênero, Tráfico de Mulheres, Estado e Políticas Públicas, Movimentos Sociais, Religião e Religiosidades e estudos sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente.

E-mail: tp.lima@ufma.br

Sylvana Kelly Marques da Silva

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de dinâmicas sociais, práticas culturais e representações sob orientação de Maria Lúcia Bastos Alves. Realizou Doutorado Sanduíche na Universidade de Washington (EUA) no Henry M. Jackson School of International Studies - Latin American and Caribbean Studies, sobre orientação do Professor Jonathan Warren. Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração: Turismo, Desenvolvimento regional/local e Gestão. Especialista em Gestão e Estratégia de Marketing pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá do Rio de Janeiro. Bacharel em Turismo pela Faculdade de Ciências Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte e Bacharelanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: sylvana.kelly@ufma.br



RESUMO

Este trabalho tem por objetivo desenvolver uma análise dos símbolos do batismo à luz da teoria do imaginário de Gilbert Durand. Propõe-se abordar, com um olhar de alguém de dentro do contexto cristão, os rituais por trás de cada símbolo do batismo, relatando assim, os elementos simbólicos latentes e atrelar à luz da teoria do imaginário de Gilbert Durand o olhar do imaginário com relação aos elementos e rituais simbólicos. Partindo desta perspectiva, é notório destacar que assim como qualquer outra instituição, a Igreja Católica Apostólica Romana possui um discurso ideológico, com uma finalidade específica, nos fazendo compreender o motivo pelo qual essa instituição nunca perdeu espaço dentro da sociedade. A igreja teceu em torno destes símbolos da graça um cerimonial bastante elaborado, rico em devoção e poesia, a partir de uma estrutura que também é pedagógica. Portanto, as orações, gestos e ritos próprios acentuam a ação da misericórdia e do poder divino. Justamente, por pertencerem à dimensão do simbólico possuem uma carga de imagens arquetípicas muito rica, que merece ser estudada à luz do imaginário.

Palavras-chave: Batismo. Imaginário. Símbolos. Catolicismo.

ABSTRACT

This work aims to develop an analysis of the symbols of baptism in the light of Gilbert Durand's theory of the imaginary. It is proposed to approach, with a look from someone from within the Christian context, the rituals behind each symbol of baptism, thus reporting the latent symbolic elements and linking in the light of Gilbert Durand's theory of the imaginary the look of the imaginary in relation to symbolic elements and rituals. From this perspective, it is noteworthy to point out that, like any other institution, the Roman Catholic Apostolic Church has an ideological discourse, with a specific purpose, making us understand why this institution has never lost space within society. The church wove around these symbols of grace a very elaborate ceremonial, rich in devotion and poetry, from a structure that is also pedagogical. Therefore, the prayers, gestures and rites themselves accentuate the action of mercy and divine power. Precisely, because they belong to the dimension of the symbolic, they have a very rich load of archetypal images, which deserves to be studied in the light of the imaginary.

KEYWORDS: Baptism. Imaginary. Symbols. Catholicism.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo desarrollar un análisis de los símbolos del bautismo a la luz de la teoría del imaginario de Gilbert Durand. Se propone abordar, con la perspectiva de alguien del contexto cristiano, los rituales detrás de cada símbolo del bautismo, informando así los elementos simbólicos latentes y vinculando, a la luz de la teoría de lo imaginario de Gilbert Durand, la mirada de lo imaginario en relación con elementos simbólicos y rituales. Desde esta perspectiva, cabe destacar que como cualquier otra institución, la Iglesia Católica Romana tiene un discurso ideológico, con un propósito específico, que nos hace comprender por qué esta institución nunca ha perdido espacio dentro de la sociedad. La iglesia ha tejido alrededor de estos símbolos de gracia un ceremonial muy elaborado, rico en devoción y poesía, basado en una estructura también pedagógica. Por tanto, las oraciones, los gestos y los ritos propios acentúan la acción de la misericordia y del poder divino. Precisamente, por pertenecer a la dimensión simbólica, tienen una riquísima carga de imágenes arquetípicas, que merece ser estudiada a la luz del imaginario.

Palabras-clave: Bautismo. Imaginario. Símbolos Catolicismo.



INTRODUÇÃO

A religiosidade é um tema bastante difícil e complexo que atravessa todo processo de construção e reconfiguração de nosso imaginário. Entrando nesta abordagem, pretendo apontar as perspectivas e os traços simbólicos nos rituais do batismo¹ cristão, com um olhar de alguém que atuou durante muito tempo dentro da Igreja Católica, sob o olhar do imaginário antropológico de Gilbert Durand (1997).

O primeiro problema da pesquisa foi metodológico, visto que a escolha do objeto se deu a partir da própria experiência religiosa da autora². Retomando Weber (2001), a subjetividade é algo inerente a pesquisa social, está implícita nos interesses do cientista e mais precisamente na escolha do objeto de estudo, portanto, o fenômeno social “está condicionado pela orientação do nosso interesse de conhecimento” (p. 79).

Desse modo, as inquietações de uma estudante das ciências humanas e das teorias do imaginário levaram-me a refletir mais profundamente sobre o simbolismo cristão, mais especificamente, sobre o significado dos símbolos dos sacramentos. Dada a necessidade de expressar algumas inquietações sobre o objeto de estudo, utilizei a primeira pessoa do singular (eu) em alguns momentos das argumentações da pesquisa, principalmente, na introdução e na conclusão, mas no geral do texto, optei pela primeira pessoa do plural em respeito à coautoria com meu orientador.

Assim, ao tratar sobre religiosidade, busquei compreender sobre a forma como a religião, ou melhor, a própria Igreja Católica mantém a sua influência sobre os chamados “fiéis” até os dias de hoje. A Igreja ao longo de sua história busca explicar o desconhecido no conhecido, fazendo com que nós, fiéis, ao pensarmos em experiências de fé, relacionemos a nossa compreensão ao “*Mistério do divino*”. Trazendo o conceito de hierofania de Mircea Eliade (1991) diga-se que tal compreensão consiste em três modos pelos quais o sagrado pode se manifestar, a saber: teofania, sinal e evocativo.

Nesta abordagem, vê-se que a Igreja tem grande influência dentro da sociedade, tendo

¹ O batismo cristão a que nos referimos nessa pesquisa é o da Igreja Católica Apostólica Romana.

² Importante frisar que a escolha da primeira pessoa singular como discurso dessa produção acadêmica não exclui as contribuições do coautor (orientador da pesquisa) que me direcionou nos percurso metodológico e sugestões sobre o referencial teórico para as reflexões sobre o tema.



nos símbolos, sua estratégia maior para manter os fiéis dentro de suas instituições. Temos dois aspectos de mundos e questionamentos diferentes, nos quais de um lado a ciência explica, através da razão, do concreto, a existência das coisas, já de outro lado, a religião estimula paradigmas próprios da existência de um “*Deus*” que criou tudo e todos.

A Igreja Católica Apostólica Romana continuou a ser no século XVI a mentora da ciência e da tecnologia. A concepção falsa de que o universo era um grande organismo governado por uma multidão de divindades e destinado a existir em ciclos contínuos de nascimentos, morte e renascimento, tornou impossível com o desenvolvimento da ciência (AQUINO, 1949, p. 65).

Como o autor relata, a Igreja desde o princípio é um projeto que nasceu no coração do Pai “*Deus*” e prefigurada desde o início dos tempos, preparada na Antiga Aliança com Israel, e instituída por Cristo Jesus, o qual é a declarado “o princípio”, ou seja, a base da criação de tudo, na qual a Igreja através de seus dogmas, ritos, preceitos e simbolismos irão construir a visão da vida eterna.

Para aprofundar o debate, falaremos, na primeira sessão, sobre o sacramento do Batismo na Igreja Católica, abordando sua influência simbólica imaginária, a qual tem sobre os respectivos grupos dentro da sociedade. Assim, faz-se necessário trazer uma contextualização e descrição dos rituais realizados pela Igreja Católica, ao longo da vida sacramental de seus fiéis.

Na segunda sessão, abordaremos sobre o sacramento do Batismo, seus ritos e símbolos, à luz da teoria do imaginário de Gilbert Durand, abordando suas estruturas e como se configuram nos rituais do Catolicismo. Por fim, apresentamos as considerações finais e referências bibliográficas utilizadas na pesquisa.

2 CONHECENDO OS SACRAMENTOS DA IGREJA CATÓLICA

O aspecto simbólico atravessa todo o processo de construção e reconfiguração de nosso imaginário sobre a transcendência, nós pensamos e imaginamos o que realmente seja o Mistério do divino, como realmente acontece ou surgem as coisas e fenômenos. Sempre recorremos a uma série de representações ou imagens do divino frequentemente marcadas pela força dos



símbolos e arquétipos³ forjados e vividos nos tempos de nossa infância e que nunca passaram completamente pela reflexão, ou seja, imagens que ajudam e estorvam, mas que são necessárias para a vida espiritual de muitas pessoas, pois se entrelaçam de várias formas simbólicas.

Neste sentido, pretendemos refletir sobre o que seja uma experiência generalizada, e com grandes repercussões na catequese, na pastoral e na espiritualidade, pois, vivemos suficientes atitudes e tentativas de mudança na qual o imaginário religioso e, concretamente, dos símbolos referentes ao “*Mistério de Deus*” se tornam importantes para a compreensão entre o abismo que se criou entre a ciência e a religião.

O Catecismo da Igreja Católica vem nos relatar que os sacramentos são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo difunde a graça de Cristo, (que é a Cabeça), na Igreja, (que é seu Corpo). A Igreja contém, portanto, e comunica a graça invisível que ela significa. É neste sentido analógico que ela é chamada de “sacramento”. Como sacramento, a Igreja é um instrumento de Cristo. Nas mãos dele, ela é um instrumento da Redenção de todos os homens, o sacramento universal da salvação, pelo qual Cristo manifesta e atualiza o amor de Deus pela humanidade que quer que o gênero humano inteiro constitua o único povo de Deus, se congregue no único Corpo de Cristo, seja construído no único templo do Espírito Santo (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, p. 774-776).

Os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados a Igreja, por meio dos quais nos é dispensada a vida divina. Os ritos visíveis sob os quais os sacramentos são celebrados significam e realizam as graças próprias de cada sacramento. Produzem fruto naqueles que os recebem com as disposições exigidas. O fruto da vida sacramental é ao mesmo tempo pessoal e eclesial. Por um lado, este fruto é para cada fiel uma vida para Deus em Cristo Jesus; por outro, é para a Igreja crescimento na caridade e em missão de testemunho (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1131-1132).

A graça conferida por cada sacramento é a participação na vida divina ou crescimento nela, e o auxílio eficaz para a prática das virtudes. Há, de fato, um efeito que é comum a todos os sacramentos: a graça santificante, que nos aperfeiçoa como cristãos e nos torna mais aptos a seguir o caminho que é o próprio Jesus Cristo. Entretanto, há também o efeito específico de cada Sacramento, a graça sacramental. Três sacramentos conferem o caráter, que é um sinal espiritual que permanece para sempre, são eles: Batismo, Confirmação e Ordem, os quais só

³ Os arquétipos são sempre primitivos e “se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo” (JUNG, 1996, p. 67). Os arquétipos são, portanto, expressões da mente primitiva, suas “imagens coletivas” e seus motivos mitológicos que permanecem com força ainda arraigados no homem moderno. O arquétipo é, na realidade, uma *tendência* instintiva tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias (JUNG apud BRUSSIO, 2014, p. 54).



podem ser recebidos uma vez.

A partir do Batismo, os sacramentos pressupõem a fé. Conclui-se daí que os sacramentos não são atos materiais “*mágicos*”, nem simples rituais sem a participação ativa e consciente da pessoa que os recebe. A resposta do fiel, dada com fé, é um elemento constitutivo do sacramento, que é encontro, e como tal, necessita de diálogo. Um chama (Deus) e outro responde (fiel).

Ao abordar essa perspectiva, Deus manifesta sua graça por meio de sinais físicos, os efeitos sobrenaturais dos sacramentos que se manifestam, como a água no Batismo e o pão e o vinho da Eucaristia. Diz a oração cerimonial: “*O Deus, pelos sinais visíveis dos sacramentos realizais maravilhas invisíveis*”. São estes os sinais visíveis dos sacramentos: **1.** água do Batismo; **2.** o óleo da Crisma e da Unção dos enfermos; **3.** o pão e o vinho da Eucaristia; **4.** a imposição das mãos do Bispo sobre o ordinando; **5.** as palavras que exprimem a consagração dos noivos que se unem em Matrimônio; **6.** a contrição **7.** a satisfação da Confissão ou Penitência.

Neste sentido, a celebração litúrgica dos Sacramentos pertence à dimensão dos símbolos⁴, que é uma linguagem expressiva que representa a imensa riqueza que Cristo tem para nós. A Igreja teceu, em torno destes símbolos da Graça, um cerimonial bastante elaborado, rico em devoção e poesia, a partir de uma estrutura que também é pedagógica. Portanto, as orações, gestos e ritos próprios acentuam a ação da Misericórdia e do Poder Divino.

Já o autor Paulo Evarisca (1981), em seu livro *O Que é Igreja*, relata que Cristo deu à sua Igreja não só os meios de manter a chama do amor, mas quiseram que ela própria, a Igreja fosse constantemente renovada, ou seja, convertida, para transformar-se em instrumento vivo de santidade e de amor.

Porém, ele deixa claro que podemos chamar a Igreja de sacramento de Cristo, pois é na Igreja que Deus se promete e se pronuncia ao mundo como salvação. A realidade histórica e visível da Igreja, sua totalidade, precisa tornar-se sinal e instrumento de salvação para o mundo.

Ao falarmos, portanto, de sacramentos como canais de graça, não podemos deixar de

⁴ Nesse artigo abordaremos o símbolo no entendimento do historiador das religiões Mircea Eliade, que serviu de base para as compreensões do símbolo em Jung (2008) e Durand (1997). O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser (ELIADE, 2002, p. 8).



realçar que a Igreja, partindo de Cristo, merece o nome de sacramento originário. Dela partem, pela força do Espírito Santo, os sete sinais de salvação, chamados correntes de sacramentos. Todos os sacramentos, principalmente, os da iniciação cristã, tem por finalidade a última Páscoa do Filho de Deus, aquela que, pela morte, o fez entrar na vida do Reino. Agora se realiza o que o cristão confessa na fé e na esperança: “*Espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir*”.

A Bíblia é um livro cuja linguagem é repleta de símbolos. Todas as religiões em todo o mundo empregam a linguagem simbólica para transmitir seus ensinamentos. A palavra símbolo tem diversas aplicações, como por exemplo, um sinal, uma garantia, uma representação gráfica. A importância do símbolo se deve ao fato de ser um objeto, figura ou ideia que representa e garante a realidade daquilo que está simbolizado.

Segundo Pastro (1993, p. 49), “os símbolos sagrados são vitais e, portanto, perenes e universais não há necessidade, nem possibilidade de se inventar novos símbolos”. O símbolo sagrado fala através da imagem, desta forma, o espectador pode conversar com o sagrado através do símbolo.

É o mesmo sentido atribuído à hierofania por Mircea Eliade (2002), o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A hierofania consiste nesta manifestação do sagrado, “manifestando o sagrado, um objeto torna-se outra coisa” (p. 13), assim surgem a “pedra sagrada”, a “árvore sagrada”, que não são adoradas como pedras ou árvores, “justamente porque são hierofanias, “revelam” algo que não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*” (ELIADE, 2002, p. 13).

Nesta abordagem, podemos ressaltar que o símbolo é importante na vida humana, pois emana imaginação, aguça o sentimento imaginativo, libera o que está preso no inconsciente e leva a ações que geralmente não são as mais plausíveis ou palpáveis, mas também não estão erradas. Entrando, neste contexto muitas vezes temos um conhecimento intuitivo, mas pouco reflexivo sobre esses processos “*religiosos*”, no qual frequentemente não sabemos como proceder.

Os símbolos não são coisas, mas relações. Dependem de um processo de comunicação: da intensidade de quem faz o gesto, do olhar de quem olha, recebe, interpreta, entra em sintonia, vivencia, ou seja, dependem do contexto cultural, social, e no caso da liturgia depende do contexto ritual (BUYST; IONE, 1998, p. 5).



Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a palavra símbolo, em grego, significa “symbolon”, a metade de um objeto quebrado (por exemplo, um sinete) que era apresentada como sinal de reconhecimento. As partes quebradas eram juntadas para se verificar a identidade do portador. O “símbolo da fé” é, pois, um sinal de reconhecimento e de comunhão entre os crentes. “Symbolon” passa, em seguida, a significar coletânea, coleção ou sumário. O “símbolo da fé” é a coletânea das principais verdades da fé. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 188).

Partindo disso, dá-se o fato de ele servir como ponto de referência primeiro e fundamental da catequese. Assim, a primeira “profissão de fé” é feita por ocasião do batismo. É sobre o batismo que discorreremos um pouco mais adiante, antes de analisarmos os símbolos mais latentes em seu ritual.

2.1 O que é o batismo

O Santo Batismo é denominado com base no rito central pelo qual é realizado: batizar (“*baptizein*”, em grego) significa “mergulhar”, “emergir”; o “mergulho” na água simboliza o sepultamento do catecúmeno na morte de Cristo, da qual com Ele ressuscita como “nova criatura” (2 Cor 5,17; Gl 6,15). Este banho é chamado de *iluminação*, porque aqueles que recebem este ensinamento catequético tem o espírito iluminado. Depois de receber o batismo, o Verbo, “a luz verdadeira que ilumina todo homem” (Jo. 1,9), o batizado, “após ter sido iluminado”, se converte em “filho da luz” e em “luz” ele mesmo (Ef. 5,8).

Entretanto, Paulo Evarisca afirma que o Batismo não é um ato mágico e sim uma condição divina e humana para crescermos e produzirmos frutos. Sobretudo para assumirmos a missão de Cristo, que é a de servir aos homens. Na 1ª Epístola de São Pedro, que é uma espécie de manual de preparação para o Batismo, ele explica que recebemos a missão sacerdotal, profética e régia. Podemos falar com Deus, sermos testemunhas d'Ele diante dos homens e transformar o mundo para o bem de todos.

Diante disso, podemos ressaltar que através do Batismo, Jesus vem ao encontro do homem para fazê-lo nascer para a graça, tornar-se visível, através de um sinal: sua dignidade de filho de Deus e participante da vida divina, da vida nova trazida por Cristo. Portanto, o batismo é um sacramento comum a todos os cristãos. A Igreja administra-o segundo a missão



que o Senhor lhe confiou: “De todos os povos fazei discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt. 28, 19).

Batismo, batizar (do termo grego baptô, batptizô), refere-se a um duplo movimento: entrar nas águas (submergir, ser sepultado, afundar, afogar, morrer) e depois sair das águas (ser salvo), significando nossa comunhão ou participação na morte e ressurreição de Jesus Cristo (Rm. 3,6-11). Pelo ministério da Igreja, é o Cristo que batiza (SC. 7). A água é sinal e portadora do Espírito Santo, que regenera, que cria a vida nova em Cristo (1Cor. 12,13), e a envia em missão libertadora, criadora de vida nova, no âmbito pessoal comunitário e social.

Neste aspecto, o batismo pode ser realizado por ablução⁵ (lavar, deixar escorrer água na cabeça da pessoa que esta sendo batizada) ou por imersão (mergulhar o batizando na água e retirá-lo em seguida). O gesto da imersão, repetido três vezes, expressa melhor o sentido pascal deste sacramento: morrer e ressuscitar, remover o “homem velho”, revestir o “homem novo”.

O batismo é uma ordenança que é ensinada, expressamente, cerca de 80 vezes no Novo Testamento. As quase últimas palavras de nosso Senhor Jesus Cristo foram um comando para batizar: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt. 28:19).

No dia de Pentecostes, encontramos Pedro dizendo: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo” (At. 2:38) e questionando na casa de Cornélio: “Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados e estes, que também receberam como nós o Espírito Santo? (At. 10:47). Encontramos Paulo não se batizando, mas batizando discípulos por onde quer que fosse.

Os diferentes efeitos do Batismo são significados pelos elementos sensíveis do rito sacramental. O mergulho na água faz apelo ao simbolismo da morte e da purificação, mas também da regeneração e da renovação. Os dois efeitos principais são, pois, a purificação dos pecados e o novo nascimento no Espírito Santo. Porém, feito membro da Igreja, o batizado não pertence mais a si mesmo, mas àquele que morreu e ressuscitou por nós. Logo, é chamado a submeter-se aos outros, a servi-los na comunhão com a Igreja, a ser “obediente e dócil” aos chefes da Igreja e a considerá-los com respeito e afeição. Assim, como o Batismo é a fonte de

⁵ A ablução é um gesto que expressa purificação, conceito este que é insuficiente para designar o sentido do batismo cristão.



responsabilidade e deveres, o batizado também goza de direitos dentro da Igreja: de receber os sacramentos, de ser alimentado com a Palavra de Deus e de ser sustentado pelos outros auxílios espirituais da Igreja.

O “símbolo da fé” é inicialmente o símbolo batismal. Uma vez que o Batismo é dado “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt. 28,19), as verdades da fé professadas por ocasião do Batismo estão articuladas segundo sua referência às três pessoas da Santíssima Trindade.

O símbolo está, pois, dividido em três partes: “Primeiro, fala-se da primeira Pessoa divina e da obra admirável da criação; em seguida, da segunda Pessoa divina e do Mistério da Redenção dos homens; finalmente, da terceira Pessoa divina, fonte e princípio de nossa santificação”. Esses são os “três capítulos de nosso selo (batismal)” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, p. 190).

Nesse sentido, o simbolismo da água é significativo da ação do Espírito Santo no batismo, pois após a invocação do Espírito Santo ela se torna o sinal sacramental eficaz do novo nascimento: assim como a gestação de nosso primeiro nascimento se operou na água, da mesma forma também a água batismal significa realmente que nosso nascimento para a vida divina nos é dada no Espírito Santo. Mas “batizados em um só Espírito” também “bebemos de um só Espírito” (1Cor. 12,13): o Espírito é, pois, também pessoalmente a água viva que jorra de Cristo crucificado como de sua fonte e que em nós jorra em Vida Eterna (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 694).

Na vida humana, sinais e símbolos ocupam um lugar importante. Sendo o homem um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual, exprime e percebe as realidades espirituais por meio de sinais e de símbolos materiais. Como ser social, o homem precisa de sinais e de símbolos para comunicar-se com os outros, pela linguagem, por gestos, por ações, assim, vale o mesmo para sua relação com Deus.

Enquanto criaturas, essas realidades sensíveis podem tornar-se o lugar de expressão da ação de Deus que santifica os homens, e da ação dos homens que prestam seu culto a Deus. Acontece o mesmo com os sinais e os símbolos da vida social dos homens: lavar e ungi, partir o pão e partilhar o cálice podem exprimir a presença santificante de Deus e a gratidão do homem diante de seu criador.

Portanto, os sinais sacramentais, desde Pentecostes, são o meio pelo qual o Espírito Santo realiza a santificação. Os sacramentos da Igreja não abolem, antes purificam e integram toda riqueza dos sinais e dos símbolos do cosmo e da vida social. Além disso, realizam os tipos



e as figuram da antiga aliança, significam e realizam a salvação operada por Cristo, e prefiguram e antecipam a glória do céu (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 1152).

A imagem do sagrado é construída a partir da relação existente entre os fiéis e a igreja. Logo, quando se investiga o imaginário cristão a partir dos símbolos sagrados, bem como os significados que estes representam para o fiel, é preciso ter em mente a integração do sujeito com todo campo religioso, afinal o poder da simbologia só ganha sentido e validade quando estes indivíduos pertencem a uma religião, passando a legitimar como reais esses diferentes símbolos dentro da instituição religiosa.

Sua manifestação depende do lugar onde está inserido na sociedade, principalmente, da cultura a qual pertence. Aqui, o símbolo é tratado como uma estrutura de representação de um sentimento, de uma crença ou de uma ação que não podem ser expressos por palavras (MATOS, 2009, p. 02-03).

O imaginário cristão, nesse sentido, ganha força dentro das instituições religiosas a partir da legitimidade que os fiéis conferem aos diferentes símbolos existentes. A imagem do sagrado, seja no campo intelectual ou no físico, ganha na Igreja Católica força e passa a exercer um sentido próprio, dotado de poder e significados.

A ideia de bem e mal, existente há muitos séculos, é um dos primeiros ensinamentos cristãos que os fiéis têm acesso. Ora, não é à toa que temos na Bíblia cristã um manual com dez mandamentos, no qual os mesmos nos conduzem a fazer o bem, nos mostrando o que é certo e errado e as consequências de quem opta por fazer o mal.

Nesse momento criam-se duas possibilidades diferentes, o caminho do bem por meio de Deus; e o caminho do mal, através do pecado, por meio do Diabo. Essa perspectiva maniqueísta de bem e mal é fruto de uma tradição milenar que se estruturou a partir da lógica do certo e errado/ bem e mal, ainda existente na atualidade. Deus, partindo dessa perspectiva, é o criador, e simbolicamente representa no imaginário dos cristãos a bondade, a generosidade, o bem, aquele que julga e pune os pecadores.

Nessa trajetória, filósofos medievais como Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274) tiveram papel crucial na consolidação e veiculação da fé e ética cristãs desenvolvidas pela Igreja Católica. “Com relação ao ensino, Tomás admite, como Agostinho, que Deus é o verdadeiro mestre que ensina dentro de nossa alma, porém, sublinha a necessidade da ajuda exterior” (PILETTI, 2013, p. 55).



Podemos, então, compreender, que o imaginário cristão se sustenta por uma série de fatores. Entre eles, podemos destacar, a partir de observações dentro da Igreja, às vontades individuais e coletivas, como por exemplo, o desejo de justiça; os próprios medos, no sentido de pecado; o temor ao desconhecido, que acaba criando toda uma representação de um lugar para além da vida, entre outros fatores. Assim, o que se percebe é que todos esses elementos elencados acima contribuem para a legitimação de um ser criador ao qual os fies acreditam e depositam sua fé.

Portanto, entrando neste pressuposto do imaginário simbólico, podemos relatar que o próprio tem uma dimensão pessoal profunda, no qual as pastorais nos mostram; todavia, passamos a descobrir também que o mesmo tem inevitável marca histórica e cultural, ou seja, o imaginário é devedor de um tempo e de uma época, de determinada socialização e educação, como não pode deixar de ser em seres pessoais, isto é, individuais e sociais. (MARCONDES, 2009, p. 22).

A autora Ione (1998, p. 5) relata que é difícil falar ou escrever sobre símbolos, pois é somente pela experiência é que os conhecemos e sentimos sua eficácia. Neste sentido, sem dúvidas, no devir da história da Igreja, tão profundamente marcado pelo devir da humanidade, as mudanças socioculturais afetam a ideia que se tem de Deus e suas representações, ou seja, esse aspecto aconteceu com uma violência e aceleração em nossa época moderna.

Entretanto, não há dúvidas de que a revolução mental que a modernidade supõe termina de algum modo com determinadas imagens de Deus, como por exemplo, a “morte de Deus”, de uma determinada imagem intervencionista, justificadora e milagreira, como na obra *A Gaia Ciência*, de Friedrich Nietzsche (2001)⁶.

Neste sentido, ao buscarmos na Bíblia a raiz da significação de cada símbolo, porque não basta o sentido cósmico e cultural, mas, sim a liturgia recebe seu sentido na palavra revelada, que tem como ponto de referência a pessoa de Jesus Cristo, os inúmeros significados possíveis para cada elemento são como que afunilados (assumidos numa determinada direção) pela tradição cristã (IONE, 1998, p. 7).

⁶ Para o filósofo alemão, nós (os homens) matamos Deus e nossa culpa alimenta nossa sede de submissão e de redenção. Então é preciso ir além desse assassinato, além do bem e do mal, encontrar ou criar uma existência natural libertada de todos os ascetismos, de todas as alienações, graças a um esforço que é ao mesmo tempo desejo e razão, dominação e controle de si, que é ao contrário de interiorização, uma libertação de si, um retorno a Dioniso (TOURAINÉ, 1998, p. 119).



A manifestação do sagrado funda ontologicamente, o mundo na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo, absoluto”, um Centro [...] é por essa razão que o ser religioso sempre se esforça para se estabelecer no “Centro do Mundo”. Para viver no mundo, é preciso fundá-lo. (ELIADE, 1991, p. 26).

Daí o Centro do Mundo é uma imagem arcaica e muito enraizada no fundo do nosso imaginário de Deus, pois recolhe a experiência obscura do fundamento das coisas, da realidade última, que se apresenta como poderosa, significativa, viva. Portanto, supõe uma ontologia ou concepção do mundo na qual este aparece como totalidade percorrida pelo mesmo dinamismo ou energia.

[...] é tão ontologicamente real quanto o mundo dos sentidos e o mundo do intelecto. Esse mundo requer uma faculdade de percepção que pertença a ele, isto é, uma potência imaginativa, uma faculdade com uma função cognitiva, um valor poético que é tão real quanto o sentido da percepção ou a intuição imaginativa ou imaginação cognitiva, não equivale à “fantasia” que produz o imaginário, na linguagem corrente se confunde intelectual (CORBIN, 1972. p. 5).

Segundo o filósofo, a “faculdade que percebe esta realidade”, a qual denomina consciência com o irreal, é “algo que permanece fora do ser e da existência- em resumo, algo utópico” (CORBIN, 1972, p. 5).

Portanto, assim, tendo em vista todos esses fatores, é com base na análise dos símbolos cristãos que se pauta nossa pesquisa, uma vez que tentaremos compreender como é construído o imaginário a partir dessa perspectiva da simbologia cristã dentro da Igreja Católica.

Neste âmbito, ao escolher este tema e como já destaquei, um dos principais questionamentos é o poder da Igreja, que se tem a partir da utilização desses símbolos. Nesta linha de abordagem e perspectiva, como relata Gilbert Durand (1997), o traço antropológico do imaginário, falará desses destaques de rituais, passando a conhecer as versões da ritualização desses símbolos.

Dentro desse aspecto, nas estruturas antropológicas do Regime Diurno e Regime Noturno, trataremos melhor os arquétipos desses símbolos, destacando em si a relação dos rituais, de como são divididos esses regimes, como os seus símbolos podem atrelar a questão enigmática da Igreja, como o pensamento imaginário relata a relação de alguém com esses símbolos, que fazem parte do seu dia a dia.



3 ANÁLISE DOS SÍMBOLOS DO BATISMO À LUZ DO IMAGINÁRIO DURANDIANO

Abordagem imaginária de Durand

Gilbert Durand (1997), antropólogo e filósofo da ciência, é fundador e animador do Centro de Pesquisa do Imaginário de Genoble, criado em 1966. Ele faz um extensivo estudo da produção cultural humana, especialmente das imagens que emergem das narrativas mitológicas, das religiões e das grandes obras literárias e artísticas.

O autor estabelece um trajeto antropológico do imaginário, que pode ser percorrido tanto no sentido biológico em direção ao social, como social em direção ao biológico, ou seja, em uma via de mão dupla e dentro desse contexto, Durand (1997) destaca que existem pólos estruturais: o Regime Diurno e o Regime Noturno.

O Regime Diurno relaciona-se a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, aos rituais de elevação e da purificação (DURAND, 1997, p. 58). Este regime se divide em duas partes: “As Fases do Tempo” e “O Cetro e o Gládio”.

O professor Dr. Josenildo Campos Brussio em seu livro *Imagens arquetípicas na relação professor-aluno: em busca de um encantamento no processo ensino-aprendizagem* (2014) (grifo nosso) faz um estudo sobre as fases que Durand (1997) trabalha no primeiro pólo estrutural. Na primeira fase, *As Faces do Tempo*, predominam os símbolos teriomórficos (relacionados à animalidade), os símbolos nictomórficos (relacionados às trevas) e os símbolos catamórficos (relacionados à queda) que expressam as três grandes dimensões da angústia do homem, diante de si mesmo e da morte.

Tratando dessa primeira estrutura do Regime Diurno, o autor relata que é um regime essencialmente polêmico, ou seja, para a imaginação diurna, o herói deve vencer o monstro, portanto, os símbolos vão constelar em torno da noção de potência.

Na segunda parte do regime diurno, *O Cetro e o Gládio*, encontram-se os remédios ou antídotos (saídas que o homem encontra para se recuperar das angústias e sofrimentos oriundos da primeira parte). Essa parte, divide-se em símbolos: diaréticos, espetaculares e ascensionais (DURAND, 1997, p. 47). Eles demarcam a primeira estrutura do imaginário - estrutura heroica



ou esquizomórfica. Durand percebeu que as imagens provenientes das diversas culturas se dividem em Imagens Diurnas e em Imagens Noturnas, e que está bipartição compreende uma tripartição em estruturas, que são a “heroica”, a “mística” e a “sintética” (ROCHA PITTA, 2004, p. 8).

Nesse sentido, os símbolos heroicos combatem os monstros (símbolos teriomórficos) com a espada e o gládio (símbolos diairéticos) que servem para separar, discernir e impor o poder. As trevas (símbolos nictomórficos) são combatidas pela luz, pelo sol, pela cor, pela palavra (símbolos espetaculares) e a queda (símbolo catamórfico) é vencida pela verticalização, elevação e subida.

No Regime Noturno, predominam as dominantes digestivas e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do hábitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora; a segunda, agrupando as técnicas do ciclo do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos (DURAND, 1997, p. 58).

[...] a estrutura mística do imaginário, na qual convergem as imagens da fusão, da harmonia, cujo sentido é juntar os elementos de maneira a encaixá-los de forma a construir um todo harmonioso no qual a angústia e a morte não tenham como entrar. O objetivo não é mais combater o destino e sim assimilá-lo, por isso, a imaginação sobre o signo da conversão e do eufemismo, inverte os valores simbólicos do tempo (SANCHEZ TEXEIRA, 2004, p. 5).

Nesse sentido, para Durand (1997), a arte é um dos produtos mais reveladores dessas atitudes imaginativas, que realizam a mediação entre o eterno e o temporal e constituem “a própria atividade dialética do espírito” (DURAND, 1997, p. 97).

Portanto, embora no Regime Diurno ocorram antíteses que buscam predominar em detrimento de simbologias ditas noturnas, o Regime Noturno tolera os aspectos do imaginário categorizados como diurnos. Sendo assim, os símbolos relacionados ao regime diurno conforme a significação predominante remetem mais as ideias de ascensão, heroísmo, poder, iluminação, razão, ao passo que no regime noturno predominam imagens com a descida, engolimento, trevas, intimidade, ciclos, evidenciando uma concepção dinâmica dessas estruturas.

Assim, conforme as ideias de Gilbert Durand (1997), o aspecto diurno do imaginário é caracterizado por tais ideias que remetem a clareza, razão e objetividade, dicotomizando com o que é excluído dessas denominações. O regime diurno costuma aparecer representado por símbolos de purificação, desfeminização especificado por meio de representação de: cabeças, dentes, Céu, fogo, rei, guerreiro, cavalo, pássaros, animais ferozes, principalmente, lobo e leão,



entre outros. Já o “regime noturno da imagem está constantemente sobre o signo da conversão e do eufemismo” (DURAND, 1997, p. 197).

Neste aspecto, Durand (1997) sintetiza os dois regimes afirmando que o “pensamento solar nomeia a melodia noturna contenta-se em pensar e dissolver” (p. 224), ou seja, o regime diurno caracteriza-se pela distinção e o dualismo, enquanto o noturno, nas suas duas dominantes, está vinculado à subjetividade, caracterizando-se pela reunião, conciliação e penetração.

Abordando, esses dois regimes, o autor esclarece que:

O Regime Diurno tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação; o Regime Noturno subdivide-se nas dominantes digestivas e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do hábitat, os valores alimentares e ciclo do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos (DURAND, 1997, p. 58).

Entretanto, como foi atrelado, cada estrutura constitui-se como um número a tratar de imagens como um universo mítico que se organiza em torno de arquétipos. Portanto, “é a força do arquétipo que atrai imagens e representações, em torno de pólos homogeneizantes de sentido” (BRUSSIO, 2014, p. 52).

Para Gilbert Durand (2017) a imagem carrega um sentido diretamente ligado à significação imaginária, ou seja, um signo, um símbolo. E seria por isso que “[...] o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo em imaginação criadora, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus Sanctus*, como ordenança do ser das ordens do melhor” (DURAND, 1997, p. 432). Assim, nessa perspectiva, para o teórico (1997), o imaginário é um motor repositório, uma espécie de “bacia semântica”, local onde as imagens podem se multiplicar, ou seja, a noção de imaginário é, para ele, complexa.

Experiência religiosa e seus símbolos

Como já dissemos, o principal foco desta pesquisa é abordar os símbolos cristãos à luz da teoria do imaginário de Durand (1997). Nesta perspectiva, o *símbolo* é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo cotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. Embora existam símbolos que sejam bastante reconhecidos, outros, são compreendidos apenas dentro de um determinado grupo ou contexto religioso, cultural, etc.



Na experiência religiosa, o elemento simbólico é o canal entre os seres humanos e a divindade, assim, como os símbolos do batismo que nos remetem a estas relações propostas pela força e significado ou seus símbolos, pelo qual cria em um nós um sistema de relações individuais do indivíduo que comungam dessa mesma expressão ou experiência simbólica. O autor Lemos (2005), destaca que o símbolo sagrado serve para definir o *ethos* de um povo.

A religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos seres humanos. [...] Ela desempenha estas funções por ser um sistema de símbolos e os símbolos são incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças, que no caso dos símbolos sagrados, servem para sintetizar o tom, o caráter e a qualidade de vida de um povo (LEMOS, 2005, p. 58).

Levando em conta este pressuposto, destacaremos também as questões da ritualidade, os ritos são os meios de ação positivista do homem que visam criar relacionamentos com o divino. Pois, estabelecem-se segundo regras fundadas sobre a autoridade reconhecida pela coletividade ou pela comunidade de fiéis. Segundo Émile Durkheim (2012) também são modos de ação determinados e só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas pela crença na natureza especial de seu objeto.

Os ritos de iniciação não precisam necessariamente coincidir com o nascimento biológico (DURAND, 1997). Mas, sim estão intimamente ligados a inserção em sociedades específicas e confirmam-se como apresentação ao grupo do qual se deseja fazer parte. Neste âmbito o batismo, além de ser o rito de iniciação à vida religiosa cristã, constitui-se também numa forma de reconhecimento social num período de mútua ingerência entre o Estado e a religião.

De acordo com Santo Agostinho (2010), sacramento é um sinal visível da graça invisível instituído para nossa justificação. No livro *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Durand (1997) destaca:

A Igreja não teria feito mais que herdar, através de Santo Agostinho, a fobia sexual dos gnósticos e dos maniqueus, ou seja, do esquema da queda original num tema moral e carnal que ilustra bem a dupla valência de numerosos temas psicanalíticos que são ao mesmo tempo “sub” consciente e indicativos e de um “sobre” consciente que é um esboço metafórico das grandes concepções filosóficas (p. 116).

Neste âmbito, ao falar dessa perspectiva de experiência religiosa aborda-se que para os fiéis, os sacramentos são sinais e meios pelos quais se realizam a santificação que conferem graça e reforçam a fé. Pois, para a Instituição Romana, também provoca, através de ações externas, a interiorização e subjetivação da crença, ou seja, dentro do imaginário cristão, nesse



sentido, passa a ganhar forças dentro das instituições religiosas, a partir da legitimidade que os fiéis conferem aos diferentes símbolos existentes.

Assim, vale destacar nesse sentido que a imaginação e o imaginário são pontos de intersecção do conhecimento e não algo que afasta o humano do saber, mas, no faz reconhecer e ver cada lado, pois como, destaco na minha experiência religiosa, na qual foi através de um grupo de estudo e pesquisas, o GEPENADEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cultura), que passei a ter conhecimentos sobre o estudo do imaginário de Durand (1997) e a perceber que os símbolos religiosos tem uma grande influência dentro das instituições religiosas, e neste caso, nasceu o meu tema monográfico.

Por curiosidade, aprofundi-me em estudos sobre os símbolos e suas influências e, no livro *As Estruturas Antropológicas do imaginário*, passei a perceber nas estruturas dos regimes Diurno e Noturno, como se constitui o imaginário cristão, principalmente, pelos símbolos presentes no ritual do batismo.

Portanto, levando em conta a importância dada pelo referido estudo ao contexto para a compreensão das imagens, percebe-se que, quando se encontram inseridas neste texto poético, as imagens são potencializadas, abrindo-se para novas possibilidades de sentido.

Na primeira sessão desse artigo, vimos que os sacramentos da Igreja Católica possuem diversos elementos simbólicos do imaginário cristão presentes nos rituais de passagem como o batismo.

O Catecismo da Igreja Católica vem nos relatar que os sacramentos são os sinais e os instrumentos pelos quais o Espírito Santo difunde a graça de Cristo, (que é a Cabeça), na Igreja, (que é seu Corpo). A Igreja contém, portanto, e comunica a graça invisível que ela significa. É neste sentido analógico que ela é chamada de "sacramento". Como sacramento, a Igreja é um instrumento de Cristo. Nas mãos dele, ela é um instrumento da Redenção de todos os homens, o sacramento universal da salvação, pelo qual Cristo manifesta e atualiza o amor de Deus pela humanidade que quer que o gênero humano inteiro constitua o único povo de Deus, se congregue no único Corpo de Cristo, seja construído no único templo do Espírito Santo (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 774-776).

Nota-se claramente, na citação acima, a metaforização de Cristo na Igreja Católica, ou seja, toda a construção material da igreja se dá no imaginário do corpo de Jesus Cristo: a cabeça de Cristo representa o Espírito Santo, a fonte de poder da religião católica pelo mundo; a Igreja representa o corpo de Cristo em suas mais variadas faces e interpretações; os clérigos representam a voz, as mãos e os pés de Cristo.

A Igreja, que é a coluna e sustentáculo da verdade (1Tm. 3,15), guarda fielmente a fé uma vez por todas confiada aos Santos (Jd. 1,3). É ela que transmite de geração em geração a



confissão de fé dos apóstolos. Como uma mãe que ensina seus filhos a falar e, com isso, a compreender e a comunicar, a Igreja, Mãe dos fiéis, ensinou a linguagem da fé para introduzi-los na compreensão e na vida da fé (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA).

Impressionante a imagem da Igreja Católica como uma grande-mãe, não só a mãe que abriga o filho de Deus, Jesus Cristo, mas grande-mãe que abriga todos os filhos de Deus. O arquétipo da grande-mãe é uma das grandes imagens potencializadoras do Cristianismo pelo mundo.

A Igreja, enquanto sacramento universal de salvação atualiza na história a presença e a salvação do Cristo (DIRETÓRIO PARA OS SACRAMENTOS, 2010). Dentro de todo complexo sacramental da Igreja, o sacramento do batismo apresenta-se em sua riqueza de expressão e eficácia a Cristo. Atualizando de modo específico e original a ação da graça para uma determinada situação humana.

Desse modo, observa-se que no contexto religioso católico, o significado dos símbolos apresenta-se mais restrito do que em outros contextos, pois “equivale ao que se conhece no meio científico como signo, seu sentido torna-se mais limitado já que não há uma relação de presença entre significante e significado, mas apenas uma realidade sensível que leva a um significado preciso” (MATOS, 2009, p. 6).

Os sacramentos dentro da Igreja Católica funcionam como instrumentos que servem para ordenar e padronizar o sentimento religioso como um todo, criando assim, uma religião que regulasse ao máximo todas as formas de culto, orações e rituais (MATOS, 2009). Estes símbolos atuam no controle dos fiéis que tem se convertido a fé, todavia, a Igreja para que pudesse convencer/converter o novo “rebanho”, “teve que se apropriar de muito do que lhe era externo, mesmo modificado, muitos aspectos atribuídos às religiões pagãs permaneceram em seu seio, principalmente, os símbolos” (MATOS, 2009, p. 7).

O sacramento do batismo tem em sua estrutura a presença de ritos e símbolos. Caracteriza-se enquanto um rito de purificação e de cura, na estrutura da Igreja Católica é tido como o primeiro sacramento, representando a limpeza do pecado original (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993). E, por meio deste ritual que é concedido aos indivíduos à condição de se tornar “filho de Deus”.

Dessa forma, o batismo é o primeiro dos Sacramentos, é por meio do mesmo que os sujeitos são purificados do Pecado original e se torna parte da Igreja e do corpo de Cristo



(CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993). Segundo Franco e Campos (2004, p. 22) o batismo, como todos os Sacramentos, abrange o uso de “elementos materiais, de palavras e cânticos, gestos simbólicos e sinais não-verbais que, todos juntos, dão vida a esta celebração preciosa e essencial na vida de um cristão”.

Sobre os significados religiosos dos símbolos do batismo Franco e Campos (2004, p. 29-30) dizem que:

A água, como instrumento purificador do batizando, de lavar do corpo e da alma todo o sinal de pecado. A água é universalmente reconhecida como o símbolo da vida por excelência. O crisma é usado para consagrar e sancionar a entrada do batizando na grande família da Igreja. É um óleo perfumado e consagrado. Usado não só para o Batismo, mas também no Crisma (Confirmação) e na ordenação sacerdotal. No Batismo é usado para ungir a cabeça do batizando, dando-lhe uma espécie de selo que o consagra o seu novo papel. Lembrancinha batizado Cruz vidro Murano cor-de-rosa h 10,5 cm juntamente com o óleo dos doentes e o óleo dos catecúmenos, é abençoado uma vez por ano pelo bispo durante a Missa Crismal da Quinta-feira Santa e depois distribuído a cada paróquia. [...] o óleo dos catecúmenos decreta a investidura do batizando no papel de combatente da fé, de defensor da cristandade. Simboliza a força na luta contra as tentações, uma espécie de escudo contra o pecado. A vela que é entregue aos pais ou ao Padrinho do batizando simboliza Cristo, a luz do mundo, na esperança de que Ele ilumine a criança e permita àqueles que a amam e a apoiam acompanhá-la na fé. Simboliza a ajuda que a Igreja deve fornecer ao seu novo membro para encontrar a sua própria luz no mundo. O vestido branco é usado durante o batismo como símbolo da nova vida, da nova dignidade de que a pessoa batizada se reveste. A veste branca exprime a pureza da alma tornada sem imaculada após o batismo, a mudança profunda e a renovação interior que o sacramento trouxe àquele que o recebeu.

A citação mostra os símbolos do batismo e seus significados religiosos. Com isso, vê-se que os símbolos que se fazem presentes na religião católica são inseridos em sua tradição através da Bíblia, e nela, encontra-se, outra vez, símbolo e signo/sinal equivalendo-se (MATOS, 2009). São um conjunto mais ou menos complexo de imagens simbólicas que, por sua vez, reenviam ao mito e ao rito. Neste sentido, “importa ter em conta que são os mitos e os ritos que revelam um tecido trans-histórico por detrás de todas as manifestações da religiosidade na história” (DURAND, 1997, p. 49).

Dentre os elementos simbólicos que permeiam o ritual do batismo, destacam-se a **água** da imersão, o **crisma**, o **óleo** dos catecúmenos, a **luz da vela** e a **veste branca**. Desse modo, conforme Franco e Campos (2004, p. 23) pode-se considerar que o batismo consiste em um “ritual simbólico que se constitui da unidade moral entre elementos físicos: coisas e palavras. Sem eles não se pode significar a graça. Trata-se da utilização da materialidade para simbolizar a imaterialidade do numinoso”. Toda a administração de um sacramento e seus rituais da consonância entre matéria e forma segundo a doutrina (MATOS, 2009).



Conforme as premissas acerca do imaginário durandiano, os elementos simbólicos pertencentes ao batismo, caracterizam-se em símbolos relacionados ao “regime diurno” conforme a significação predominante, pois remetem às ideias de ascensão, do heroísmo, do poder, da iluminação e da razão” (ABELLA, RAFFAELLI, 2012, p. 229). Os símbolos do batismo compõem um ritual simbólico, que marca a libertação de todo o pecado e o recebimento do Espírito Santo.

No batismo, diversos objetos do ritual estão relacionados aos símbolos ascensionais, espetaculares e diaréticos. **A água** é o elemento primordial no rito do batismo. Segundo o Gênesis, no princípio, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas (Gên. 1, 2). Ela é a mãe e matriz, o útero, caracterizando-se simbolicamente como, a origem como matéria perfeita, fecunda e singela, totalmente transparente se aproximando da denominação de **símbolo diarético**.

O filósofo das fenomenologias poéticas, Gaston Bachelard (2002), afirmava sobre a água pura: “À água pura pedimos, pois, primitivamente, uma pureza ao mesmo tempo ativa e substancial. Pela purificação, participamos de uma força fecunda, renovadora, polivalente. A melhor prova desse poder infinito é que ele pertence a cada gota do líquido” (BACHELARD, 2002, p. 148).

Nota-se claramente a potência diarética e purificadora da água no ritual do batismo e como o Cristianismo se apropriou muito bem desse simbolismo arquetipal para impor o seu poder mágico-religioso pelos quatro cantos do mundo.

A vela branca possui uma dupla categorização simbólica: por seu isomorfismo com o obelisco, a torre, o poste enquadra-se perfeitamente como um **símbolo ascensional**. É instrumento que conduz ao alto e mesmo quando queima e diminui de tamanho, trata-se de uma descida e não uma queda (como ocorre com os símbolos catamórficos). Uma descida bem suave, rítmica, que a aproxima dos **símbolos da inversão e da intimidade** do regime noturno (DURAND, 1997). A outra classificação de imagens que pode ser atribuída à vela é como **símbolo espetacular**. Essa é a sua maior potência: a capacidade de produzir luz na escuridão, de iluminar e levar o ser humano à salvação. Para o batismo, é a consagração da luz divina (anjo da guarda) que acompanhará o fiel ao longo de sua jornada por sua vida no planeta Terra.

Já o **óleo santo** finda a administração do batismo, significando que, a partir de então, o indivíduo está unido a Cristo. Durand (1997) declara: “Gládio, espada de fogo, archote, água e



ar lustrais, detergentes e tira-manchas constituem assim o grande arsenal dos símbolos diaréticos de que a imaginação dispõe para cortar, salvar, separar e distinguir das trevas o valor luminoso” (1997, p. 179).

Desse modo, a referida análise dos elementos simbólicos essenciais ao ritual do batismo na Igreja Católica levou-nos a perceber que a presença do mito no ritual do batismo conduz a uma dupla relação entre o rito e o *schème*: primeiro, a predominância de um simbolismo heroico, **do regime diurno**, e depois, um simbolismo da descida, da inversão, da intimidade, **do regime noturno**, componente importante para a construção de um sentimento de identificação com Jesus Cristo pelo sujeito que recebe o sacramento.

A água batismal, a vela e o óleo santo atuam como símbolos diaréticos em um primeiro momento do ritual do batismo, quando limpam, purificam, separam o indivíduo para o seu contato com o sagrado, o recebimento do divino Espírito Santo. Em continuidade, um segundo *schème* se apresenta com esses mesmos elementos simbólicos: a descida interior, a inversão e o mergulho na intimidade do ser, necessários ao constante processo de reflexão, reparação e redenção de seus pecados uma vez que agora é um cristão, unido a Jesus Cristo em um só corpo e alma.

Visto que a religião tem uma relação intrínseca com o imaginário, conforme Matos (2009) os símbolos que compõem o ritual do batismo atuam enquanto elementos que estabelecem a relação do homem com Deus.

Ainda, segundo o autor, observa-se que:

A imaginação contribui para a sobrevivência do homem no sentido de que expressa todo o conjunto de relações entre ele e Deus tanto em caráter subjetivo, como objetivamente: através de cultos, orações e rituais, abrindo caminhos para a busca espiritual, fazendo com que os desejos que não puderam ser realizados no plano presente possam ser realizados em outro plano – o do espírito, onde a imaginação pode se desenvolver plenamente (MATOS, 2009, p. 3).

Com base na citação, a imaginação colabora para a edificação da relação do homem com o divino. De modo que, os símbolos funcionam como elementos que sustentam a afinidade entre o homem e Deus, estabelecendo o sentimento de pertença a uma comunidade. É a imaginação que passa “a doação do sentido e que funciona o processo de simbolização, é por ela que o pensamento do homem se desaliena dos objetos que a divertem, como os sonhos e os delírios que a pervertem e a engolem nos desejos tomados por realidade” (DURAND, 1988, p. 37).



Ainda segundo Matos (2009, p. 2) afirma-se que a ação dos símbolos entra em contraste na vida do indivíduo quando “a realização de um ato não se torna possível, por isso, ele se torna, de certa maneira uma testemunha das coisas ausentes, saudades das coisas que ainda não nasceram”.

Assim, conforme argumenta Eliade (1991, p. 9) observa-se que a descoberta feita acerca dos símbolos diz respeito à impossibilidade de uma realização completa do homem em sua existência, desse modo, o mesmo, devido a tal sensação de insatisfação, perde-se em sua historicidade para se reencontrar com sua linguagem interior. Como o próprio autor diz: “o homem reencontra-se com o ‘homem primordial’ existente dentro de si para ter uma experiência com um ‘paraíso perdido’ de lembranças de sua existência, guardadas em seu subconsciente” (*idem*).

Os ritos e o uso dos símbolos são os meios de ação positiva do homem que oportunizam a construção de relacionamentos com o divino. Relação que é estabelecida conforme regras e valores constituídos sobre a autoridade reconhecida pela coletividade ou pela comunidade de fiéis. Dessa forma, os símbolos também são “modos de ação determinados e só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas pela crença na natureza especial de seu objeto. Uma regra moral, assim como o rito, nos prescreve maneiras de agir, mas se dirige a objetos de gêneros diferentes” (ELIADE, 1991, p. 10).

Desse modo, os símbolos do batismo são elementos que alicerçam a criação e sustentação de um sentimento religioso. Funcionam como um conjunto de crenças e ações que permeiam parte da vida de qualquer ser humano e se baseiam no ato de acreditar em algo superior ou mais elevado espiritualmente que explique e justifique todo o Universo (MATOS, 2009).

É verdadeiro afirmar que existe uma complexidade em analisar o simbólico, pois, diante da vastidão das interpretações, sentidos e significados percebe-se a disparidade de interpretações, especialmente, no que se refere ao tratamento do simbolismo religioso e da Igreja Católica (ELIADE, 1991).

Pode-se dizer que a Igreja surge, desde os seus primórdios, como uma instituição que serviria para ordenar e padronizar o sentimento religioso como um todo, criando uma religião que regulasse ao máximo todas as formas de culto, orações e rituais, para controlar mais de perto, e, efetivamente os fiéis que haviam se convertido a tal fê; mas, em contrapartida, acaba mergulhada em muito daquilo que era seu objetivo eliminar, pois para que pudesse convencer/converter o novo “rebanho”, teve que se apropriar de muito do que lhe era externo, assim, mesmo modificadas, muitos aspectos atribuídos às religiões pagãs permaneceram em



seu seio, principalmente, os símbolos (MATOS, 2009, 5).

Como se pode perceber na citação, os símbolos religiosos que permeiam o catolicismo funcionam como instrumentos que servem para ordenar e padronizar o sentimento religioso. Segundo Durand (1988, p. 65) os símbolos do batismo compõem, o processo geral de pensamento, simultaneamente indireto e concreto e que, por conseguinte, constitui o dado fundamental da consciência humana.

Ainda conforme Durand (1997, p. 67):

[...] os símbolos designam, no sentido lato, a expressão cultural concreta do arquétipo e especificam-se sob a influência do meio físico (clima, fauna, vegetação, etc.) ou cultural (tecnologia, práticas alimentares, organização familiar ou social, etc.). Daí a possibilidade de uma transformação do símbolo em sintema, isto é, de uma degradação do símbolo em sinal puramente social, em que a riqueza e a plurivocidade deste desaparece e dá lugar à rigidez do estereótipo.

Os símbolos do batismo irão representar uma expressão cultural que podem assumir um caráter estritamente social. Dentro desse processo, o imaginário, assim enraizado num sujeito complexo não redutível às suas percepções, não se desenvolve, todavia em torno de imagens livres, mas impõe-lhes uma lógica, uma estruturação, que faz do imaginário um “mundo” de representações (LEMOS; COSTA, 2019). Assim, os símbolos do batismo configuram-se em estruturas que alicerçam os rituais da cultura religiosa católica.

Franco e Campos (2004) apontam que o batismo constitui-se como o sacramento mais popular na América Portuguesa. Tratava-se, antes de tudo, da inserção, mesmo que formal, ao corpo místico da Cristandade. Evidentemente “não teve o mesmo sentido para todas as populações. Para o cristão, esta não é a questão mais relevante. Em um período de contundentes guerras de fé, o catolicismo, mesmo que, para nós pareça às avessas, realizava sua missão evangelizadora”.

Por fim, percebe-se que alguns símbolos desse sacramento são muito presentes em nosso cotidiano: elementos como a água, o óleo, a vela, a roupa branca, essenciais para a realização do batismo, estão arraigados de interpretações em nossas práticas cotidianas com o mesmo simbolismo estabelecido pelo Igreja Católica há milênios: salvação e purificação. Percebe-se que estudar esses símbolos é fonte inesgotável de conhecimento, que não se pode dar por encerrada em uma pesquisa como essa. A nossa intenção foi apenas de provocar, trazer um fio condutor para a reflexão dessas imagens potencializadoras dos símbolos cristãos e o poder de seu simbolismo mágico-religioso sobre os quatro cantos do mundo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo intitulado *Análise dos símbolos do batismo à luz da teoria do imaginário de Gilbert Durand* propôs-se a estabelecer uma abordagem analítica sobre os elementos simbólicos do sacramento do batismo da Igreja Católica sob à luz da teoria do imaginário de Gilbert Durand.

Destacou-se que, assim como qualquer outra instituição, a Igreja Católica Apostólica Romana tem um discurso ideológico, com um intuito específico, nos fazendo compreender o motivo pelo qual essa instituição nunca perdeu espaço dentro da sociedade.

Na construção dessa reflexão sobre religiosidade, procuramos elucidar os aspectos referentes à forma como a Igreja Católica mantém a sua influência sobre os chamados “fiéis” até os dias de hoje. Desenvolvendo uma compreensão sobre alguns símbolos utilizados pela Igreja Católica nas práticas de seus rituais e sacramentos e a configuração de sua autoridade ao longo de sua história, fazendo com que nós, fiéis, ao pensarmos em experiências de fé, relacionemos a nossa compreensão ao “*Mistério do divino*”.

Vê-se que a Igreja possui grande influência dentro da sociedade, alicerçando nos símbolos, sua estratégia maior para manter os fiéis dentro de suas instituições. Diante disso, apresenta-se dois aspectos de mundos e questionamentos diferentes, nos quais de um lado a ciência explica, através da razão, do concreto, a existência das coisas, já de outro lado, a religião incita paradigmas próprios da existência de um “*Deus*” que criou tudo e todos.

Neste sentindo, construiu-se uma reflexão acerca do que seja uma experiência generalizada, que gera grandes repercussões na catequese, na pastoral e na espiritualidade. Pois, apresentamos a graça entregada pelo sacramento do batismo como forma de participação na vida divina ou desenvolvimento nela, assim como, o auxílio eficaz para a prática das virtudes cristãs.

Com base na análise construída em torno dos símbolos do batismo à luz da teoria do imaginário de Gilbert Durand, percebemos um efeito que é comum a todos os sacramentos: a graça santificante, que aperfeiçoa os cristãos e os torna aptos a seguir o caminho que é o próprio caminho de Jesus Cristo. Desse modo, o batismo afere o caráter espiritual que trabalha como aparelho que ordena e padroniza o sentimento religioso como um todo, que opera realmente o nosso nascimento para a vida divina que nos é dada pelo Espírito Santo. Tal conversão só é



possível com os elementos simbólicos: a água da imersão, o crisma, o óleo dos catecúmenos, a luz da vela e a veste branca.

Tais símbolos possuem uma diversidade de sentidos quando comparados aos símbolos propostos por Gilbert Durand na obra *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*: a água é um símbolo diairético por sua capacidade de purificação e limpeza, a vela um símbolo espetacular (a luz) e o óleo um símbolo diairético, ao mesmo tempo, todos três representam símbolos da inversão e da intimidade por sua capacidade de descida ao interior do indivíduo, de mudança e transformação do ser, ou seja, enquadram-se nos dois regimes de imagens, o diurno e o noturno. Desse modo, a referida análise levou-nos a perceber que a presença do mito no ritual do batismo conduz a uma dupla relação entre o rito e o *schème*: primeiro um simbolismo heroico, do regime diurno e depois, um simbolismo da descida, da intimidade, do regime noturno, componente importante para a construção de um sentimento de identificação com Jesus Cristo pelo sujeito que recebe o sacramento.

Percebe-se, pois, que os símbolos do batismo cristão da Igreja Católica consistem em elementos essenciais no processo de comunicação entre o homem e o divino, sendo espalhados pelo cotidiano e pelas mais diversas vertentes do saber humano. Todavia, é necessário enfatizar que, ainda que existam símbolos que sejam reconhecidos, outros, são compreendidos apenas dentro de um determinado grupo ou contexto religioso, social ou cultural.

Assim, vê-se que, na experiência religiosa o elemento simbólico caracteriza-se em um canal entre os seres humanos e a divindade, assim, como os símbolos do batismo que nos direcionam às relações que são indicadas pela força e significado ou seus símbolos, pelo qual cria nos indivíduos um sistema de relações com o divino que comungam dessa mesma expressão ou experiência simbólica.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010. (Coleção Folha: Livros que mudaram o mundo).

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **História da Igreja- Idade Moderna e Contemporânea**. Lorena: Cleófas, 2017. Ano 1º edição, 2017.

BUYST, Ione. **Símbolos na Liturgia**. São Paulo: Paulinas, (Coleção Celebrar), 1998.



BACHELARD, Gaston. **A Epistemologia**. São Paulo: Edições 70, 2001.

_____. **A Formação do Espírito Científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

_____. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARROS, João de Deus Vieira; BRUSSIO, Josenildo Campos, CAVALCANTI, Alberes Siqueira. **LENDAS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO: imagens e constelações**. Maceió: UFAL, 2007. (Disponível em CD-ROM no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão).

BRUSSIO, Josenildo Campos. **Imagens arquetípicas na relação professor-aluno: em busca de um encantamento no processo ensino-aprendizagem**. São Luís. Novas edições acadêmicas, 2014.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3º. Ed. Petrópolis. Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

DURAND, Gilbert. **AS ESTRUTURAS ANTROPOLÓGICAS DO IMAGINÁRIO: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 3ª ed. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Coleção Textos Fundantes de Educação).

EVARISTO, Paulo. (Cardeal Arns). **“O Que é Igreja”**, Colaboração do Pe. José Oscar Beozzo, na elaboração de “História da Igreja no Brasil”. 1ª edição 1981.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FRANCO, Renato. CAMPOS, Adalgisa Arantes. Notas sobre os significados religiosos do Batismo. **VARIA HISTORIA**, nº 31 Janeiro, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KNOWLES, David e OBOLENSKY, Dimitri. **Nova História da Igreja**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974, v.2.



LEMOS, Lúcia. COSTA, Edwaldo. **Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2019.

MATOS, Ana Paula de. **Os símbolos e a simbologia religiosa: o papel da Igreja Católica.** ANAIS DO II ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES. Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH, Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 23 jan. 2020.

MARCONDES, José Maria. **O imaginário simbólico e construção da transcendência.** Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano V, n. 25. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/09/03ImaginarioSimbolico.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PASTRO, Claudio. **O espaço sagrado hoje, arte sacra.** São Paulo: Paulinas, 1993.

PEREIRA, José Carlos. Religião e poder: os símbolos do poder. **Revista eletrônica de Ciências Sociais.** Ano 2, vol. 3, maio de 2008. Disponível em: <<https://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/download/366/339>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

ROCHA PITTA, Danielle Perini. Imaginário, Cultura e Comunicação. **Revista Labirinto.** Porto Velho. Fund. Univ. Fed. De Rondônia, Ano IV, N° 6, 2004.

SANCHEZ TEIXEIRA, Maria Cecília. Entre o Real e o Imaginário: processo simbólicos e corporeidade. **Revista Espaço Aberto,** São Paulo: USP, N° 21, Junho/ 2004.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade.** 5ª ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1998.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento na ciência social e na ciência política, In: **Metodologia das ciências sociais - Parte 1.** 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.